

## **DUAS MARIAS, UMA SÓ FÉ: DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E REVERBERAÇÕES URBANAS E CULTURAIS EM MARECHAL DEODORO, ALAGOAS**

*TWO MARYS, ONE FAITH: DEVOTION TO OUR LADY OF CONCEPTION AND URBAN AND CULTURAL REVERBERATIONS IN MARECHAL DEODORO, ALAGOAS*

*DOS MARÍAS, UNA FE: DEVOCIÓN A NUESTRA SEÑORA DE LA CONCEPCIÓN Y REVERBERACIONES URBANAS Y CULTURALES EN MARECHAL DEODORO, ALAGOAS*

**Jorge Henrique dos Santos Silva<sup>1</sup>**  
jorghenriqarq@gmail.com

### **RESUMO**

Os cristãos primitivos foram os primeiros a venerar Maria, testemunhando-a através das Escrituras e das artes sacras nos primeiros séculos da Igreja. Na experiência local, a devoção mariana possui registro desde a fundação de Marechal Deodoro, em 1591, consagrando o culto à figura de Maria como a Padroeira do município que tomou partido e desenvolveu-se com base no forte apelo religioso. O problema decorrente é a prática tradicional ameaçada por distintas interferências na devoção à imagem do altar (em madeira policromada) e à santa processional (de roca). Assim, o objetivo deste estudo é compreender as relações, os impactos e as (des)configurações no tempo e no espaço, considerando a herança cultural, religiosa e afetiva da devoção a Nossa Senhora da Conceição. Para o desenvolvimento deste trabalho tomou-se por base os estudos que envolvem desde os dogmas marianos às experiências locais, por meio da relação de fé e da vivência individual e comunitária em torno das duas imagens.

**Palavras-chave:** Nossa Senhora da Conceição; Devoção; Procissões; Imaginária; Marechal Deodoro.

### **ABSTRACT**

Early Christians were the first to venerate Mary, testifying to her through Scriptures and sacred art in the early centuries of the Church. In local experience, Marian devotion has been recorded since the foundation of Marechal Deodoro (1591), consecrating the cult to the figure of Mary as the Patroness of the municipality that took sides and developed based on the strong religious appeal. The problem resulting is the traditional practice threatened by distinct interferences in the devotion to the altar image (in polychrome wood) and to the processional saint (made of rock). Thus, the objective of this study is to understand the relationships, impacts and (dis)configurations in time and space, considering the cultural, religious and affective heritage of devotion to Our Lady of the Conception. To develop this work, studies involving everything from Marian dogmas to local experiences were taken as a basis, through the relationship of faith and individual and community experience around the two imaginaries.

**Keywords:** Our Lady of Conception; Devotion; Processions; Imaginary; Marechal Deodoro.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista (CESMAC/AL, 2017), com especialização em Arquitetura e Arte Sacra do Espaço Sagrado (FASBAM/PR, 2023), atualmente cursa Pós-graduação em Mariologia (LOCUS/FAJOPA). Desde 2017 integra a Superintendência de Cultura e Preservação do Patrimônio Histórico da Prefeitura de Marechal Deodoro (AL) e é membro associado do Instituto Brasileiro de Arquitetura Tradicional (IBAT).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6494288722838799>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4254-3849>.

## RESUMEN

Los primeros cristianos fueron los primeros en venerar a María, dando testimonio de ella a través de las escrituras y el arte sacro en los primeros siglos de la Iglesia. En la experiencia local, la devoción mariana se registra desde la fundación del Marechal Deodoro (1591), consagrando el culto al figure de María como Patrona del municipio, que tomó partido y se desarrolló a partir del fuerte atractivo religioso. El problema resultante es que la práctica tradicional se ve amenazada por diferentes interferencias en la devoción a la imagen del altar (en madera policromada) y al santo procesional (hecho en piedra). Por lo tanto, el objetivo de este estudio es comprender las relaciones, los impactos y las (des)configuraciones en el tiempo y el espacio, considerando el patrimonio cultural, religioso y afectivo de la devoción a Nuestra Señora de la Concepción. Para desarrollar este trabajo, se tomaron como base estudios que abarcan desde los dogmas marianos hasta las experiencias locales, a través de la relación entre la fe y la vida individual y comunitaria alrededor de los dos imaginarios.

**Palabras clave:** Nuestra Señora de la Concepción; Devoción; Procesiones; Imaginario; Marechal Deodoro.

## INTRODUÇÃO

Os cristãos primitivos foram os primeiros a venerar Maria, testemunhando-a através das Escrituras e das artes sacras nos primeiros séculos da Igreja.

Pode-se afirmar que, nessas representações, era depositado o sentimento dos cristãos em cultuar Jesus e sua Santa Mãe sobre as memórias dos primeiros locais de culto que traziam a história e os testemunhos dos primeiros cristãos da Igreja Nascente. É neste sentido que a própria ciência arqueológica conclui que as representações de Maria, comuns e numerosa nas catacumbas, são testemunhos de seu culto primitivo.

Desse modo, entende-se que a transmissão viva de geração em geração ao longo dos séculos (pela Tradição) e o ensinamento da verdade de fé da Igreja (pelo Magistério), unido a toda revelação bíblica, impulsionaram o culto e a devoção mariana que se estendera por todo o mundo como também por meio das variadas representações, de fenômenos sobrenaturais (aparições), bem como de apropriações, práticas populares e toda uma mística em torno deste Ícone.

Conforme tratado por Ferrare (2007, p. 2), “[...] a iniciação colonizadora em terras brasileiras a fim de povoar e difundir a Fé Cristã foi a finalidade dos portugueses no século XVI”. O desenvolvimento das primeiras vilas brasileiras consolidou o espaço público e o condicionou a partir da construção de uma edificação religiosa (Bonduki, 2010). Julga-se que essa ocorrência, fundamental para a formação de núcleos urbanos, trouxe ainda uma contribuição social, histórica e cultural: a devoção à Virgem Maria.

Na experiência local, sabe-se que a devoção à Imaculada Conceição possui registro desde os primórdios, na estreita relação da dedicação das terras, a fim de fundar a antiga Vila

de Madalena, em 1591, atual município de Marechal Deodoro, em Alagoas, consagrando o culto à imagem figurativa de Maria e elegendo-a como Padroeira. Dessa forma, os festejos alusivos à Mãe de Deus, celebrados no último mês de cada ano, perduram até os dias atuais e se caracterizam como a maior manifestação de fé dentre as maiores da região.

Considera-se, portanto, que a própria fundação da cidade, no fim do século XVI, tomou partido e desenvolveu-se com base no forte cunho religioso a partir das igrejas que delinearam o percurso das casas e ruas, constituindo sua forma urbana, tendo a igreja como definidora do traçado (Ferrare, 2014; Magalhães, 2014). Junto disso, as procissões são também os principais reflexos da herança religiosa deodorense que, junto à implantação das igrejas, determinaram a conformação da cidade.

O caso particular que problematizou este estudo é que ocorre, na cidade, uma antiga tradição de devoção à imagem do altar (em madeira policromada) e à santa processional (de roca) cuja prática de culto e relações simbólicas foram afetadas por distintas interferências nos últimos anos, principalmente a descontinuidade da tradicional procissão, com alterações de percurso e troca da imagem; e ao resultado da intervenção de restauro na imagem do altar.

Por isso, para este trabalho, foi importante estabelecer um vínculo direto de conhecimento dos escassos recursos históricos de um povo, constituindo sua identidade e compreendendo a necessidade que, de fato, interfere na apropriação popular de conservar e adaptar um elemento sacro ou uma prática religiosa centenária.

Dito isso, afirma-se que, para embasar o tema acerca da doutrina mariana, é preciso um estudo integral e não fragmentado, sobretudo com base nas fontes da Escritura e da Tradição que formam um único depósito da Palavra de Deus pela qual a Revelação Divina chega, pela Igreja e através dos tempos, até nós. Da mesma forma, fundamentar este escopo com base nos estudos que envolvam os dogmas marianos e também nas experiências particulares e locais, por meio da relação de fé e da vivência individual e comunitária, captadas através de métodos de observação, visitas *in loco*, pesquisas, entrevistas e conversas informais.

Por fim, atenta-se ao principal objetivo deste estudo que é compreender as relações, os impactos e as (des)configurações no tempo e no espaço, considerando a herança cultural, religiosa e afetiva da devoção a Nossa Senhora da Conceição em Marechal Deodoro.

## **O CULTO A MARIA, MÃE DE JESUS**

A história da Virgem Maria sempre foi associada à de seu filho Jesus Cristo e, assim, tornou-se um costume retratar a vida de Maria junto à história do Salvador, a qual foi expressa

nas Escrituras Sagradas e em variadas representações da época. É possível, então, afirmar que o culto a Maria dá-se desde a época mais remota da igreja primitiva.

Depois dos Apóstolos, que andaram lado a lado da Virgem, foram os cristãos primitivos da igreja nascente os primeiros a venerar e a prestar culto à figura de Maria. Sobre isso, atesta Lombaerde (2020, p. 37):

O culto a Mãe de Deus existiu durante a vida de Maria Santíssima entre os Apóstolos; e por eles foi transmitido aos seus sucessores e às igrejas por eles fundadas, ao ponto de que em toda parte, onde penetrou o culto divino do Salvador, penetrou com ele e ao lado dele o culto terno e suave da Mãe de Jesus.

Pode-se assim dizer que o culto a Maria é um culto instruído por Deus; um culto inteiramente determinado pelo próprio Evangelho, pois é nesses textos que se encontra a exímia transmissão divina do papel de Maria na história da Salvação. Lombaerde (2020, p. 28) assim se refere ao culto de Maria:

Dizer que o culto de Maria é uma novidade é afirmar a novidade do Evangelho, a novidade das catacumbas dos primeiros séculos, onde se encontra a cada passo a expressão da veneração e do amor com que os primeiros fiéis cercavam a Virgem Imaculada, seria extinguir com um só golpe os acentos amorosos dos Padres dos primeiros séculos, que exaltaram a Virgem Santa com entusiasmos jamais igualado nos séculos posteriores.

Junto a esta primeira e principal fonte (a Bíblia), está também a Tradição, a qual legitima a doutrina mariana e seus vários princípios por meio do Magistério da Igreja, como padres, teólogos, doutores e respectivos documentos litúrgicos e eclesiais. Desse modo, segundo Roschini (1960, p. 12): “[...] as fontes de que devemos colher continuamente nossos materiais de construção são duas: a Escritura e a Tradição, visto estar contida nessas duas fontes toda a Revelação divina.”

Saindo da representação histórica para a figura social, entende-se que “Maria” reporta-se a um sistema cultural-religioso mais amplo, compondo uma produção imaginária e promovendo relações sociais, concepções e ideários do cristianismo: sujeito histórico coletivo-social (humanidade) de identidade traçada pela revelação da Palavra Encarnada, o Cristo (divindade).

Assim, Maria não se configura como a manifestação ontológica primeira da Verdade ou do Sentido, pois este é um atributo da divindade. Ela constitui-se, então, por analogia, como sujeito histórico coletivo (a humanidade, o povo, os fiéis...), cuja identidade é tecida mediante a proclamação e adesão a este Sentido revelado, isto é, à Palavra Encarnada, nominada como Cristo (Buarque *et al.*, 2007, p. 2).

Embora Maria tenha sido, desde sempre, uma “[...] grande representação do divino feminino, ou melhor, o rosto feminino da Igreja” (Campos, 2023, p. 7), estudar sobre ela atesta ainda mais que não é possível desvinculá-la em nenhum momento de Cristo, isto é, a mariologia é totalmente cristológica. Ainda que carregando uma diversidade de faces, dentre todas uma só permanece: Maria, a Mãe de Jesus (Campos, 2023).

Diversos autores, a exemplo dos já citados Campos (2023) e Lombaerde (2020), acreditam que é do poder simbólico e de representação social que surgiram tantos títulos dedicados à Mãe de Deus, o que, conseqüentemente, influenciou também na dedicação de inúmeras igrejas.

É, neste mesmo sentido, que, em torno de Maria, há um culto milenar que comprova a sobrevivência atemporal não apenas de sua história, mas também de cada experiência particular com ela empreendida.

## **FATOS HISTÓRICOS MARIOLÓGICOS**

Os cristãos primitivos foram os primeiros a venerar e prestar culto à figura de Maria (Lombaerde, 2020) e é esse o testemunho da fé cristã manifestado nas escrituras, bem como nas artes sacras representadas desde os primeiros séculos da Igreja (Silva, 2023).

Depois dos primeiros cristãos e da inaugural devoção mariana associada às particulares menções apostólicas, contidas nas Sagradas Escrituras, os primeiros padres escreveram sobre Maria e a incluíram na história cristã da Tradição. Diversos são os santos padres que tornaram o culto mariano ainda mais manifesto: São Dionísio, o Areopagita; São Dionísio, mártir (século I); Santo Irineu; Tertuliano; Orígenes (século II); São Cipriano (século III); São Basílio (século IV); São Cirilo; Efrem; Epifânio; Atanásio; Gregório de Nazianzo; Ambrósio; Crisóstomo; Agostinho (século V) (Lombaerde, 2020).

Conforme ainda relata Lombaerde (2020, p. 43), o culto mariano do primeiro século foi o mesmo “[...] em substância e no modo de manifestá-lo”. Já nos séculos terceiro e quarto, os padres aclamavam os títulos marianos que até hoje a Igreja aprecia – “Imaculada, Advogada, Medianeira, Intercessora, Porta do Céu” (Lombaerde, 2020, p. 44) –, dentre outros.

Ainda associada à Tradição, há diversas crenças, como a popularmente difundida da atribuição do primeiro retrato de Maria, pintado por São Lucas, como um símbolo devocional, lembrando a ligação entre o Evangelista e a Virgem. Outras crenças populares também mantiveram práticas cristãs tradicionais. Assim, a promoção da devoção à Virgem Maria ao longo dos tempos foi sendo cada vez mais propagada, por motivos, tais como: a expansão e catequização cristã; as conquistas ultramarinas; as aparições marianas em todo o mundo; e ainda, os dogmas marianos, confirmando a fé da Igreja na Virgem (Campos, 2023; Ligório, 1989; Lombaerde, 2020; Roschini, 1960).

Há ainda outros fatos históricos da cronologia mariana que sustentaram e divulgaram o culto e uma diversidade de devoções em todo o mundo. Aqui, cita-se quatro eventos,

especificamente, de grande importância e inerentes a esta pesquisa, sobre a invocação à Imaculada Conceição de Maria (Quadro 1).

Quadro 1 – Eventos sobre a invocação à Imaculada Conceição de Maria por ano de ocorrência

Ano	Evento
1209	Criação da ordem religiosa, por São Francisco de Assis, que tinha sua especial devoção na Imaculada Conceição, sendo um dos maiores promotores da devoção à Senhora da Conceição.
1591	Doação de terras à Confraria de Nossa Senhora da Conceição, a fim de fundar a Vila de Santa Maria Madalena (hoje Marechal Deodoro).
1646	Consagração de Portugal à Imaculada Conceição por Dom Joao IV, declarando-a Padroeira e Rainha de todo o Reino de Portugal e de suas Colônias.
1854	A Igreja proclama o dogma da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria como ponto fundamental e indiscutível da doutrina católica.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Ligório (1989), Lombaerde (2020) e Silva (2017).

Assim, entende-se que, como a Tradição (primeiros santos padres da Igreja), o Magistério também reconhece (por meio de Concílios) como doutrina, as verdades de fé sobre Maria, revelando seu papel central e fundamental na história da salvação.

## ICONOGRAFIA MARIANA

Conforme mencionando, na história do cristianismo, vê-se a representação simbólica mariana. Já nos primeiros séculos do cristianismo, algumas cenas foram frequentemente representadas pela figura de Maria, compondo uma profunda teologia ligando a Virgem Maria ao plano divino da salvação.

Neste mesmo sentido, nota-se a profusão simbólica de representações iconográficas marianas nas catacumbas romanas, como, por exemplo, nas Catacumbas de Domitila e de Priscila. Nesses primeiros lugares de celebração, a imagem mais comum da Virgem, em suas representações, são como “a orante”, bem como em cenas da “Anunciação” e da “Encarnação”, nas quais Maria aparece associada a seu filho, testemunhando seu culto desde o cristianismo primitivo.

Sobre a arte paleocristã, Silva (2023, p. 4) afirma que:

[...] foi um grande elemento de evangelização e reconhecimento entre os primitivos cristãos que resultava por sacralizar os espaços por meio da manifestação sensível, espiritual e simbólica em representações artísticas como forma de organização (litúrgica) para prestação de culto e propagação da fé.

O intento da arte sacra, de acordo com Damasceno (2020, p. 17,18,21) é proporcionar

[...] uma síntese visual de todas as dimensões da nossa fé [...] a fé, a indispensável inspiradora da arte [arte que serviu no Ocidente em] [...] caráter didático das pinturas nas igrejas [para contemplação dos analfabetos; arte que] [...] se desenvolveu, de

maneira particular em Roma durante do século VIII, o culto das imagens dos Santos, dando lugar a uma produção artística admirável.

Em seu ensaio para defender a fé, Ordway (2020, p. 162, 163) pondera que

[...] a arquitetura e as imagens tradicionais da igreja são uma linguagem que se desenvolveu nos séculos da vida da Igreja, variando em seu dialeto em diferentes tempos e lugares, mas com uma gramática comum do sagrado [e junto à mistagogia cristã] [...] essa exuberância e riqueza de detalhes sensoriais [...] não é nem acidental nem alheio à nossa fé.

Foi nesse mesmo sentido e para favorecer a oração e a devoção dos fiéis que a Igreja sempre admitiu que o Senhor Jesus, a Bem-Aventurada Virgem Maria, os Mártires e os Santos fossem representados (Silva, 2023). Assim, a iconografia carrega um propósito dogmático-litúrgico, mas, sobretudo, faz um trajeto espiritual, artístico e simbólico cuja expressão dessas artes sacras cristãs é algo bastante definido pela experiência humana e pela presença divina (Evdokimov, 2024).

Dessas representações, compreende-se que a interpretação da narrativa, dos gestos e das vestimentas apontam revelações teológicas que levam a refletir sobre a integridade de Maria e, assim, constituíram os dogmas marianos proclamados. De modo geral, as representações da Virgem ditam o mistério de sua vida, sendo, portanto, legitimações da sua concepção, virgindade, maternidade e santidade.

Põe-se agora em questão a invocação à Imaculada Conceição (título que endossa esta pesquisa), que carrega, em seu programa iconográfico, a virgindade e a maternidade em sua representação mais dogmática, afirmando que a Virgem Maria foi preservada da mancha do pecado original desde o primeiro momento da sua concepção (Campos, 2023; Ligório, 1989; Lombaerde, 2020; Roschini, 1960).

Assim, a análise iconográfica das representações da Imaculada Conceição, permite considerar os elementos formais, cromáticos e simbólicos como os mais comumente descritivos da imaginária encontrada acerca desta dedicação devocional, embora surjam variações em diversas produções escultóricas e iconográficas, como pode-se observar, por exemplo, nas imagens a seguir.

Figura 1 – Representações da Imaculada Conceição

A – Imaculada Conceição de Murillo, pintura barroca de 1660



A

B – Coluna da Imaculada Conceição, Praça da Espanha, Roma



B

C – Imaculada Conceição da Igreja Conventual de Santa Maria Madalena, Marechal Deodoro (AL)



C

D – Nossa Senhora da Conceição Aparecida



D

Fonte: A, B, C - Google Imagens.

Fonte: acervo do autor.

Embora existam as já citadas variações, a iconografia da Imaculada Conceição constitui-se, basicamente, dos seguintes elementos: manto azul, forro do manto vermelho, túnica branca, mãos postas, coroa, crescente (lua), anjos, serpente.

Junto da leitura iconográfica há também uma interpretação bíblica, dogmática e popular para estes “símbolos” contidos na composição da imaginária da Imaculada Conceição, os quais são assim manifestados: o manto azul representa a virgindade; o forro do manto em vermelho representa a maternidade; a túnica branca representa a pureza; as mãos postas, em sinal de oração e prece a Deus; a coroa representa a majestade e faz menção à Mulher do livro de Apocalipse (Ap 12,1); a crescente ou meia lua simboliza a pureza e a luz que reflete do sol que é Cristo e, também faz menção ao livro de Apocalipse (Ap 12,1); os anjos recordam a glória, o céu onde Maria está e o seu poder de intercessão; e a serpente simboliza o mal, o pecado e a inimizade entre ela e a mulher, cuja descendência lhe esmagará a cabeça (Gn 3,15) e a vitória sobre o mal (Ap 12) (Bíblia [...], 1999).

## MARECHAL DEODORO, TERRA DEDICADA À IMACULADA

A cidade de Marechal Deodoro, um dos primeiros polos de povoamento de Alagoas e do Nordeste brasileiro, tem a religiosidade como sua maior característica. A própria fundação da cidade, no fim do século XVI, tomou partido e desenvolveu-se com base no forte cunho religioso. Assim, a antiga Vila de Madalena (primeiro nome da vila, antes de

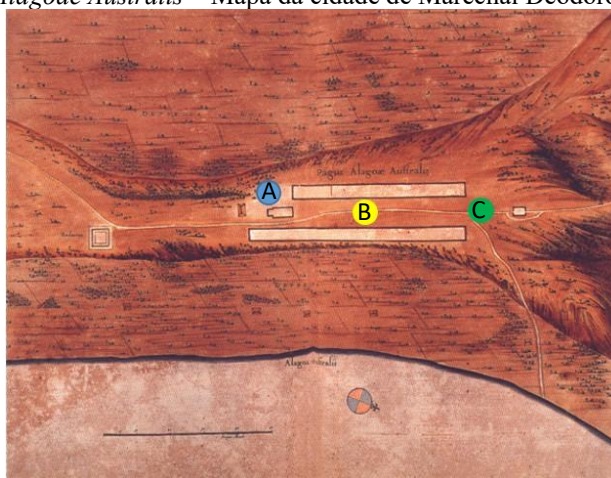
sua conformação urbana) teve sua formação marcada pelos templos e cortejos, que delinearão o percurso das casas e ruas, constituindo o traçado da cidade – a igreja como definidora do traçado (Silva, 2023).

Conforme apreciação de Macus Tadeu (IPHAN, 2005), as ordens e confrarias existentes no Brasil desempenharam uma função crucial na organização da sociedade colonial, em especial durante o século XVIII. Elas eram responsáveis não apenas pelas práticas religiosas, mas também pela organização da população no trabalho (os ofícios embandeirados), na educação (os colégios religiosos), na saúde (as santas casas e os hospitais das ordens terceiras), dentre outros.

O cenário arquitetônico, urbanístico e paisagístico da quadricentenária cidade de Marechal Deodoro determinou, em 2006, seu reconhecimento como patrimônio nacional pelo IPHAN (2005), atrelado não apenas à arquitetura das edificações religiosas e dos conjuntos urbanos emblemáticos, mas à totalidade das circunstâncias de sua fundação, desenvolvimento e sustentação. Percebe-se que este fato foi importante para o estado e para a nação quanto à compreensão de sua formação no tempo e na história.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição faz parte do conjunto urbano tombado da cidade de Marechal Deodoro e teve papel preponderante no parecer do conselheiro Nestor Goulart, quando afirma que o arruamento do largo da Igreja Matriz, atual Rua Capitão Bernardino Souto, é o mesmo mostrado por Barlaeus, em 1647, como sendo a praça de origem da vila, com forma original de 1611-1636 (Silva, 2017).

Figura 2 – *Pagus Alagoae Australis* – Mapa da cidade de Marechal Deodoro no século XVII



Fonte: IPHAN, 2005.



A – Vista para a Casa de Câmara e Cadeia



B – Vista para o Largo e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

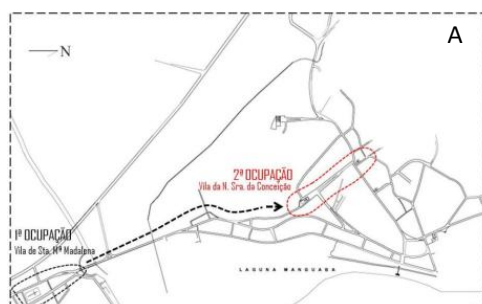


C – Vista para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos

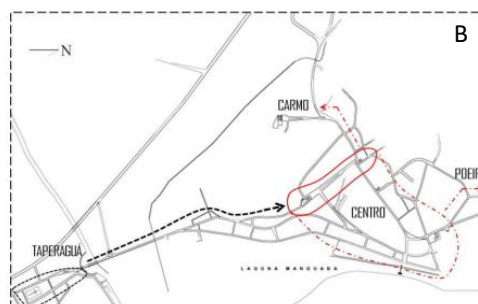
Fonte: acervo do autor.

Foi em torno da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição que o segundo núcleo de ocupação histórica (antes, o primeiro núcleo em Taperaguá) prosperou e expandiu a antiga Vila de Madalena do Sul. Conforme aponta Ferrare (2014, p. 272), a Igreja Matriz foi o “[...] ponto irradiador de expansão da urbanidade dessa nova povoação, que veio a se expandir de forma linear e no sentido menos íngreme, descendente para a Lagoa”.

Figura 3 – Mapas históricos



A – Ocupação urbana deodorense



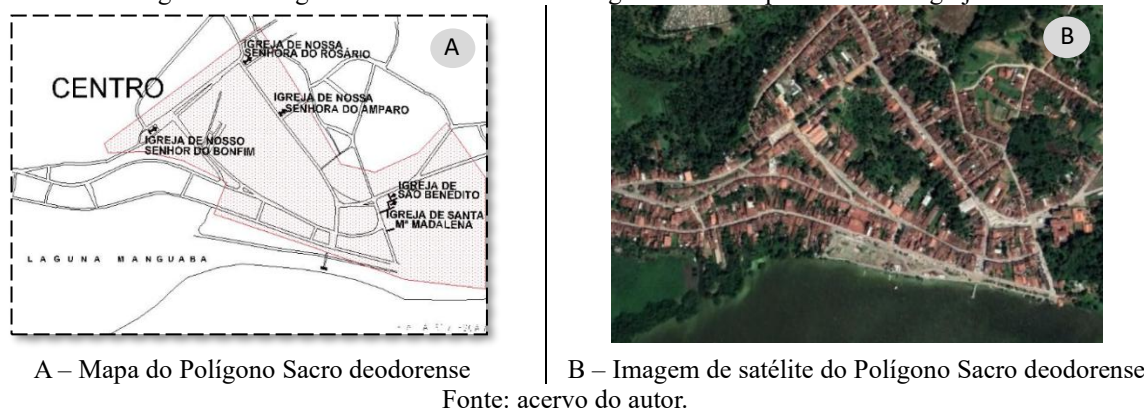
B – Expansão urbana deodorense

Fonte: Silva, 2017, p. 44-45.

A expansão da vila incorporou o assentamento de casas e ruas que davam acesso à implantação de uma e outra igreja, conformando um espaço sacralizado por essas edificações e suas manifestações numa espécie de perímetro religioso.

Este Polígono Sacro – termo definido por Ferrare (2014) – que delineia a lógica de interdependência das igrejas do Centro Histórico da cidade conformou “[...] um espaço sacralizado por estas edificações e suas manifestações imateriais numa espécie de perímetro religioso” (SILVA, 2022, p. 2).

Figura 4 – Polígono Sacro deodorense e a lógica de interdependência das igrejas



A proximidade e a relação de certa distância entre as igrejas interferiram nos circuitos de procissões e festividades litúrgicas, que foram demarcados intencionalmente pelas malhas viárias resultantes do processo de urbanização dos antigos núcleos de ocupação, formando, assim, os largos das igrejas e respectivas ruas. Neste sentido, “[...] logo que o núcleo urbano se insinua na paisagem, um elemento se destaca em meio ao casario e arruado ainda em formação, anunciando uma identidade que se perpetuaria no tempo: a religiosidade materializada nas igrejas” (Magalhães, 2014, p. 4).

Figura 5 – Procissões em Marechal Deodoro



Sobre procissões, as Constituições Primeiras da Bahia definem como peregrinações de um lugar sagrado a outro compostas por um ajuntamento de fiéis. O “divino culto” é um antigo costume de manifestação pública de fé que convida à piedade e à penitência. Tamanha prática e reverência é observada nas devoções, principalmente da Semana Santa em todo o mundo, como uma herança que reverbera até a atualidade (Vide, 2007).

Alguns autores, como Magalhaes (2018), ao investigar a cidade de Marechal Deodoro, aportam ao seu contexto existencial a própria formação com base no apelo religioso, conformando um espaço sacralizado pelas procissões, por meio do assentamento de casas e ruas que deram acesso à implantação de uma e outra igreja, resultando no adensamento do núcleo urbano.

Com base no aprofundado estudo de Ferrare (2014) sobre a conformação urbana de Marechal Deodoro, atenta Silva (2017, p. 36) para o patrimônio religioso como “[...] um principal agente de atuação no espaço público, através da propagação da fé – a capela, depois evoluída para igreja, ou Matriz, configuraria um protótipo referencial de espacialidade ao tempo em que sacralizada, também urbanizadora”.

Deste mesmo modo ocorreu com a Igreja Matriz, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, em Marechal Deodoro, o templo religioso mais emblemático da cidade. Após ter sido incendiada a primitiva Igreja Matriz da vila, por um ataque holandês, em 1633, só em 1672 deu-se início à reedificação da nova Matriz, que só foi concluída em 1783 (mas, só recebeu sua torre em 1822). A reconstrução passou por um longo período de incertezas, demorando mais de cem anos até ser concluída sua construção. A igreja possui o estilo barroco tardio junto ao rococó vigente. Internamente, possui uma decoração mais discreta, com diversos elementos provenientes dos estilos barroco, rococó e neoclássico (Dantas, 2011; Ferrare, 2014; Heleno, 2009; Silva, 2017).

Figura 6 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição



A – Largo da Matriz em 2020



B – Foto aérea da “Rua da Matriz” (década de 1990)



C – Foto da Rua da Matriz na década de 1906



D – Saída da Charola na Festa da Padroeira 2019

Fonte: A e D – acervo do autor; B e C – Ticianeli, 2023.

Ainda sobre fatos históricos, em 1766, a comunidade, junto ao pároco local, fez um pedido de recursos à Coroa para reconstrução da Igreja. Em 1819, deu-se a posse de Sebastião Francisco de Melo Póvoas (o 1º presidente – ou governador – da Capitania de Alagoas). Já em 1860, o Imperador D. Pedro II, juntamente com a Imperatriz Dona Teresa Cristina, visitou a

então cidade de Alagoas. Esse templo sediou ainda o casamento do Major Manoel Mendes da Fonseca com Rosa Maria Paulina da Fonseca e lá foram batizados todos os seus filhos, entre eles, o Marechal Deodoro da Fonseca (Ferrare, 2014; Heleno, 2009).

O estilo da fachada é aclamado pelo rococó e um barroco tardio com uma portada em trabalho de cantaria, acimando a porta em duas folhas de cedro, com almofadas e belo entalhe, a inscrição da data 1759 de conclusão da obra. Há, ainda, um nicho central com a imagem em pedra da Padroeira. O frontão de recortes sinuosos, com curvas e contracurvas, traz a coroa mariana sustentada por dois anjos sobre um óculo quadrilobulado. Uma cruz em pedra arremata o topo do frontão. A torre única ressalta, com altura além das proporções da edificação, um campanário suntuoso, grandes pináculos com adornos em massa e uma cúpula com nervuras e inteiramente decorada (Dantas, 2011; Ferrare, 2014; Silva, 2017).

Já o interior da igreja revela uma preocupação decorativa mais sóbria, embora o altar-mor destoe do conjunto, por ser mais recente e em alvenaria. Conservam-se ainda os primitivos retábulos dos altares colaterais em madeira entalhada e policromada, o arco do cruzeiro e demais arcadas em cantaria, as sanefas, tribunas e púlpito também em madeira entalhada e policromada, além do belo conjunto da imaginária que adorna a igreja (Dantas, 2011; Silva, 2017).

Nos últimos anos, houve algumas intercorrências direta e indiretamente relacionadas à Igreja Matriz de Marechal Deodoro, a mencionar:

- a) em 2019, a requalificação urbana do Largo que compõe o espaço fronteiro comum às duas Igrejas, da Matriz e do Rosário;
- b) em janeiro de 2020, deu-se início à obra de restauração da Igreja Matriz (1ª fase), que, após uma série de impasses e interrupções, teve a parada definitiva no final de 2022, com a inconclusão da obra;
- c) já em 2024, no último trimestre, ocorreu o retorno da obra de restauro (2ª fase), com uma nova empresa e um novo prazo de trabalho.

Foi em decorrência das intervenções no processo de restauração (da 1ª fase) que este estudo teve propósito e motivo para ser desenvolvido, considerando, sobretudo, os resultados até então apresentados à comunidade local.

Após todo este recorte construído acerca da devoção mariana, sob o título da Imaculada Conceição, e da relação com a história, a cultura e a religiosidade empreendida na cidade de Marechal Deodoro, apresentam-se resultados e discussões deste estudo.

## AS DUAS MARIAS DE MARECHAL DEODORO

Caracteriza-se a imaginária devocional deodorense da Imaculada Conceição, através da descrição iconográfica das duas Marias que fundamentaram esta pesquisa: Imagem de roca e Imagem de talha inteira e policromada. O Quadro 2 expõe as características das duas Marias:

Quadro 2 – Características das duas Marias deodorenses

A – Imagem de Vestir, roca	B – Imagem de Talha Inteira
– Policromada	– Policromada e dourada
– Ombros e punhos articulados	– Rococó-neoclássico
– Século XIX	– Século XVIII/XIX
– Originalmente a imagem processional	– Originalmente a santa do altar, a “intocável”
– Há doação das vestimentas e cabelo	– Pela policromia existente é a Senhora da Assunção?

Fonte: acervo do autor.

Na Figura 7, as duas Marias deodorenses podem ser visualizadas.

Figura 7 – As duas Marias deodorenses



A – Imagem de roca



B – Imagem de talha inteira e policromada

Fonte: acervo do autor.

O Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados do IPHAN/AL (2004) também fornece informações acerca dessas imagens por meio da sistemática de fichamento. Assim, as fichas podem ser acessadas e consultadas no referido órgão e/ou na Superintendência Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico da Prefeitura de Marechal Deodoro.

## A TRADICIONAL “PROCISSÃO DO DIA 8”

Procede ainda da Igreja Matriz de Marechal Deodoro a “Procissão do dia 8”, como popularmente é conhecida e chamada a Procissão da Padroeira: a manifestação religiosa-cultural mais importante do município e propagada centenariamente até os dias atuais. Anualmente, o

dia 8 de dezembro é devotado à Nossa Senhora da Conceição, pois celebra-se o dia solene da Imaculada Conceição de Maria, tão comum e também particular, em Marechal Deodoro, por devoção à sua principal Patrona, celebrada nesta data festiva.

Nos últimos anos, entretanto, foram detectados (através de observação direta, conversas informais e levantamentos fotográficos) dois problemas relacionados à insatisfação dos fiéis: a substituição da imagem de roca usada, tradicional e invariavelmente, ano após ano, pela imagem do altar; e a mudança do trajeto tradicional da procissão. Tais interrupções nesses costumes sucederam, inicialmente, por gosto particular sacerdotal e de uma minoria de fiéis, à época, à frente da Paróquia, que não representava a voz da comunidade, que, ainda assim, acompanhava com estranheza o ritmo das novidades impostas. Soma-se a isto a troca de padres à frente da paróquia nos últimos anos, que foi mais um fator para tornar descontínua a tradição, já que a comunidade estava confusa e cedendo a essas novas “adequações”, que resultavam em perdas de identidade e apropriação afetiva e devocional.

É de largo conhecimento que nunca houvera uma mudança neste sentido: primeiro, a santa do altar é “intocável” e lá do alto de seu nicho se venera, enquanto a de roca é a imagem da procissão, a que está mais próxima das pessoas e por elas admitida numa melhor formatação de apreciação e apego religioso, próprios desse tipo de imaginária.

Aqui não se pretende adentrar nas relações entre o devoto e a tipologia da imaginária, no entanto, sabe-se o quanto as imagens de roca expressam-se e adentram o imaginário dos fiéis aproximando-os ao culto alegórico e às devoções particulares. Por outro lado, a produção da imaginária de talha inteira com policromia e douramento é surpreendentemente arrebatadora ao olhar do devoto contemplativo, conforme identificado na pesquisa de campo.

Todos esses fatos puderam ser comprovados tanto pelo acervo fotográfico e documental acessado, bem como por vários relatos de vivência dos devotos deodorenses, envolvendo ainda observações, visitas e acompanhamento à obra da Igreja Matriz.

Retomando a questão das imagens de roca e de talha inteira (a do altar), na Procissão do dia 8, observa-se, por meio de um recorte no tempo, que até o ano de 2012, era costumeiramente usada a de roca como imagem processional. A partir de 2013, ocorre a interrupção, com o uso da imagem do altar no andor da procissão – esse uso estende-se até 2019. Assim, no ano de 2020, devido à obra de restauração da imagem do altar, a imagem de roca retoma seu lugar como santa processional e os fiéis se reapropriam dessa memória.

Figura 8 – Cronologia da Procissão do dia 8 com imagem de roca e de talha inteira na charola/andor



Fonte: acervo do autor.

Por conseguinte, e ainda citando um segundo problema atrelado à Procissão do dia 8, deu-se a mudança de um trajeto secular que, além da função religiosa, moldou e conformou a expansão histórica da cidade, dando a essas ruas a sacralidade obtida pelo percurso oficializado pelas procissões, sendo esta sua prévia condição existencial e, depois, a de ligação viária. Foram sucessivas alterações no percurso, que retiraram de ruas antigas o legado tradicional do cortejo processional, substituindo-as por outras ruas secundárias que, por vezes, não possuíam infraestrutura necessária para uma rota de procissão, nem perfaziam uma conexão lógica com as principais ruas do centro da cidade e a relação com as igrejas nelas instaladas cuja implantação no passado foi determinante para a típica ocorrência das procissões.

Tomando parte desses problemas, foram ouvidos, analisados e compilados depoimentos (feito um lamento) dos populares que apresentaram possíveis soluções por eles mesmos previstas e sugeridas, como tentativa de reorganizar um novo trajeto, de modo a adequar as alterações dos novos tempos em face do trajeto tradicional. Estes depoimentos, embora de maneira informal, tiveram a intenção de capturar a real impressão e o sentimento dos fieis para uma melhor compreensão dos fatos e posterior apresentação aos responsáveis pela comunidade paroquial, como uma forma de contribuição antecipada dos dados deste estudo.

Outro dado que já se pode aferir como resultado positivo de toda essa experiência é o retorno da imagem de roca ao seu devido lugar, mantendo-se unanimemente definitivo e com legítima reapropriação da comunidade.

## O PROCESSO DE RESTAURO DA “IMAGEM DO ALTAR”

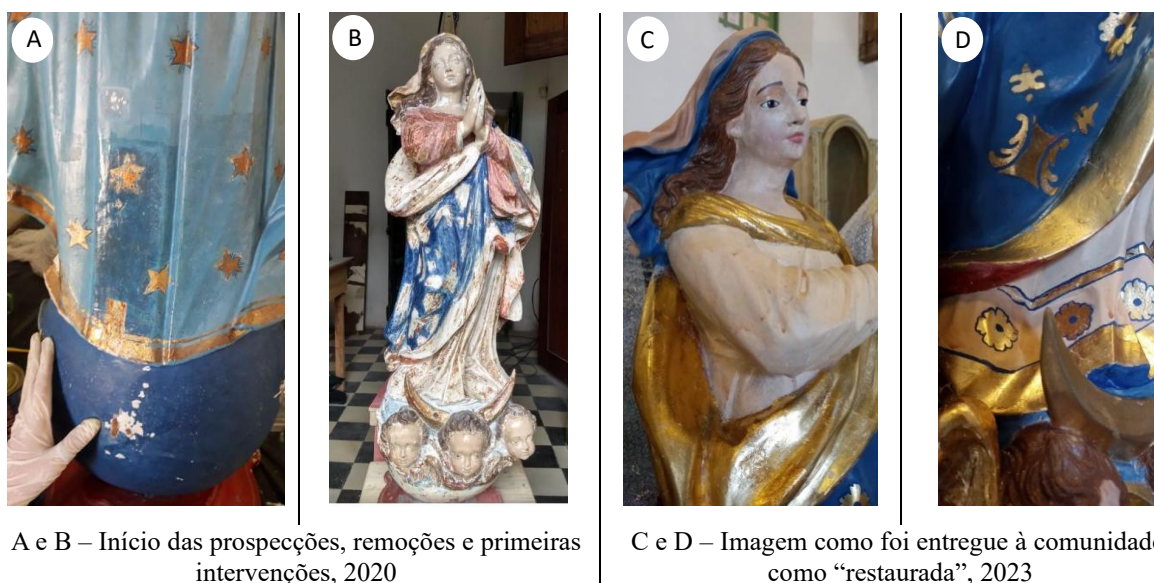
Com o uso indevido de uma imagem secular de talha inteira como santa processional, já é de se esperar que alguns impactos ou danos possam advir. Além dos conflitos citados, relacionados à devoção popular, ao senso de pertencimento e à memória afetiva dos fiéis, não

era difícil esperar também que possíveis danos ao material compositor da imagem de talha inteira, considerando a fragilidade da policromia e do douramento de uma peça que não fora preparada para este tipo de uso, viesse acontecer.

Pela falta de conhecimento e de bom senso é que esta imagem permaneceu por sete anos sendo usada como santa processional. Este fato, porém, demonstra também irresponsabilidade e falta de zelo. No entanto, a peça, que está classificada diretamente como bem móvel artístico e integrado à Igreja Matriz, precisava compor o cenário de restauração pelo qual passaria todo o conjunto. No primeiro momento da restauração, a peça passou por diversos estudos e análises, sendo detectada que sua policromia existente não era original. Esta descoberta deu origem aos ensaios sobre o que poderia ser feito.

Importa esclarecer que a 1ª fase da Obra de Restauração da Matriz passou por diversas intercorrências, desde uma pandemia mundial, que parou a obra, até mudanças na equipe e um resultado desastroso na restauração da imagem entregue à população.

Figura 9 – Resultado da intervenção na imagem de talha inteira



Fonte: IPHAN/AL, 2025; Google fotos.

Em resumo, num primeiro momento (A e B), é possível ver a tentativa de um grupo de profissionais em busca de referências escultóricas e compositivas e, ainda que perdidas (devido ao fato de a imagem ter sido lavada em algum tempo desconhecido), percebe-se que há algumas referências quanto à boa carnção, elementos simbólicos na vestimenta, policromia cromática original, ressurgimento de douramento, dentre outros atributos.

No segundo momento (C e D), resultado da produção em um tempo conturbado, quando a empresa estava prestes a parar e entregar os serviços, observa-se que a imagem entregue “restaurada”, era uma peça totalmente repintada e sem o mínimo de referências, sem qualquer

atributo escultórico aceitável ou minimamente de bom gosto. Esse resultado desastroso do processo de restauração contribuiu para a permanência da imagem de roca, ao invés do retorno daquela de talha inteira como santa processional.

Como a população não reconhece a sua padroeira, os órgãos competentes concordam e garantem que a imagem precisa passar por um novo processo de restauração. Este fato é atestado pelo atual momento por que passa a obra da Igreja Matriz de Marechal Deodoro, já que foi admitida, em 2024, uma nova empresa para dar continuidade e concluir os serviços de restauro, bem como a recuperação dessa desastrosa intervenção na imaginária local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos tempos, a abordagem mariana assumiu diversas formas e enriqueceu sua perspectiva simbólica, reconhecendo o lugar singular que Maria ocupa nos planos da Revelação de Deus. É um tema que inspira estudiosos, devotos e até mesmo descrentes a mergulhar nos mistérios acerca do Filho de Deus e sua vinda ao mundo por meio desta mulher escolhida. “Maria” tonou-se também um tema central na arte, na arquitetura e na literatura cristã, com influência em tradições e representações culturais em todo o mundo.

O esquema do estudo aqui definido apontou diversas nuances históricas, religiosas e culturais em torno do culto mariano. Desde os primeiros padres, que já reconheciam as verdades de fé sobre Maria e seu papel fundamental na história da Igreja, mais tarde, os dogmas foram a confirmação teológica necessária para comprovar o que há muitos séculos já se defendia. Além disso, o enraizamento que o culto conferido à Imaculada Conceição como Padroeira do Reino português e de suas Colônias e, nas missões religiosas, como as dos franciscanos, legitimou as práticas devocionais que até hoje resultam na apropriação em distintos contextos.

A figura de Maria sempre esteve ligada à vida das pessoas, pois, do modo mais simples ou da intensa apropriação intelectual e dogmática, ela é sempre um elo de aproximação do povo com o sagrado. Por isso, há tantos títulos e invocações, tantas igrejas e santuários, festas populares, romarias e tantas outras dedicações presentes no imaginário das mais diversas culturas.

Foi demonstrada, neste estudo, a particular devoção à Imaculada Conceição e a estreita relação deste importante Ícone como parte do cotidiano, da essência e do imaginário do povo deodorense, considerando:

- os festejos alusivos à Mãe de Deus celebrados, ininterruptamente, no dia 8 do último mês de cada ano, desde a fundação da cidade;
- a “Festa do dia 8” como um símbolo de fé e a maior manifestação devocional local;
- a relação com a Igreja Matriz como a edificação religiosa mais importante da cidade;

- a vivência, o imaginário e o pertencimento dos fiéis à Excelsa Padroeira, reconhecendo-a como seu maior símbolo de proteção;
- e, por fim, a necessidade de restauração e conservação das imagens, para a perpetuação das tradições diante das perdas, impactos e (des)continuidades.

Por tudo isso, o estudo propôs-se a difundir a imaginária local e sua especial devoção, face às reverberações urbanas e culturais, como identidade de um povo e de um ambiente nesse intuito constituído. Assim, este trabalho, que adverte quanto à necessidade de conservação e salvaguarda desse bem imaterial deodorense, é apenas introdutório para futuras investigações que apontem outras dimensões.

Para finalizar, ressalta-se que a relação da imaginária deodorense com o povo é estreita, pois, trata-se aqui, de duas imagens devocionais claramente definidas e reconhecidas como a Excelsa Padroeira, a ilustre, a mais sublime, a magnífica, a excelente protetora.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. Revista por Frei Joao José Pedreira de Castro, O. F. M. 131. ed. São Paulo: Edição Claretiana, 1999.
- BONDUKI, Nabil. *Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos*. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2010.
- BUARQUE, Virgínia Castro *et al.* *Devoção à Virgem em Mariana colonial: religiosidade, cultura e poder*. In: ENCONTRO DO GT NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES: IDENTIDADES RELIGIOSAS E HISTÓRIA, 1., 2007, Maringá, PR. *Anais [...]*. Maringá, PR: ANPUH, 2007. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st2/Buarque,%20Virg%EDnia%20A.%20Castro.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- CAMPOS, Jose Freitas. *Valei-me, Nossa Senhora!* Invocações marianas no Brasil: história e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2023.
- DAMASCENO, São João. *Contra aqueles que condenam as imagens sagradas*. Curitiba: Santo Atanásio, 2020.
- DANTAS, Cármem Lúcia. Memória perpetuada. In: SIMÕES, Leonardo. *Alagoas memorável – patrimônio arquitetônico*. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2011. p. 96-121.
- EVDOKIMOV, Paul. *A arte do ícone: teologia da beleza*. Tradução: Rebeca Pinheiro Queluz. Curitiba: Carpintaria, 2024.
- FERRARE, Josemary Omena Passos. *A cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do “Lugar Colonial”*. Maceió: EdUFAL, 2014.
- FERRARE, Josemary Omena Passos. O partido triádico enquanto indutor da colonização religiosa: análise espacial e de festejos tradicionais em Marechal Deodoro – Alagoas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. *Anais [...]*. São Leopoldo, RS: ANPUH, 2007. Disponível em: <https://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Josemary%20Omena%20Passos%20Ferrare.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- HELENO, Sebastião. *Ecos deodorenses*. Marechal Deodoro: [S.n.], 2009.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização. *Parecer de Tombamento nº 03/2005*. Marcus Tadeu Daniel Ribeiro. Brasília, DF: IPHAN, 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. 8ª Superintendência Regional – SE / AL. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados*. Alagoas. Maceió: IPHAN/AL, 2004. Módulo III.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Superintendência em Alagoas IPHAN/AL. *Relatórios de Restauração de Bens Móveis e Integrados. 2020-2021*. Maceió: IPHAN/AL, 2025.

LIGÓRIO, Santo Afonso Maria de. *Glórias de Maria*. 3. ed. Aparecida, SP: Santuário, 1989.

LOMBAERDE, Padre Julio Maria de. *Nossa Senhora diante dos ataques protestantes*. Rio de Janeiro: CDB, 2020.

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. *A espacialidade da morte na cidade colonial Marechal Deodoro, Alagoas*. Brasília: FAU/UnB, 2014.

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. *Igrejas, conventos, cemitérios: o lugar dos mortos configurando a paisagem urbana e arquitetônica de Marechal Deodoro, Alagoas*. Maceió: Realeza, 2018.

ORDWAY, Holly. *Apológica e imagética cristã: uma abordagem integrada para defender a fé*. Tradução: Patricia Bronislowski Figueredo. Tubarão: Mater Verbi, 2020.

ROSCHINI, Padre Gabriel. *Instruções Marianas*. São Paulo: Paulinas, 1960.

SILVA, Jorge Henrique dos Santos. *Componentes artísticos e históricos em favor dos Ritos Litúrgicos e dos Espaços Sagrados*. 2023. Monografia (Trabalho Final de Especialização em Arquitetura e Arte Sacra do Espaço Litúrgico) – Faculdade São Basílio Magno, Curitiba, 2023.

SILVA, Jorge Henrique dos Santos. *Luz e sombra: da estética barroca aos efeitos da iluminação cênica no patrimônio religioso de Marechal Deodoro-AL*. 2022. Monografia (Trabalho Final de Especialização em Design de Interiores – Ambientação e Produção do Espaço) – Instituto de Pós-Graduação, Maceió, 2022.

SILVA, Jorge Henrique dos Santos. *Projeto de intervenção no patrimônio religioso conformador da centenária Marechal Deodoro-AL: práticas de conservação e restauro na Igreja de Nossa Senhora do Amparo*. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário Cesmac, Maceió, 2017.

TICIANELI, Edberto. *Marechal Deodoro, a antiga Vila da Madalena do Sumaúma*. Maceió: História de Alagoas, 2023. Seção Memória. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/marechal-deodoro-a-antiga-vila-da-madalena-do-sumauma.html>. Acesso em: 5 maio 2025.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia / feitas e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo D. Sebastião Monteiro da Vide*. Brasília, DF: Senado Federal, 2007.